

Leonardo Boff – um católico protestante

Rudolf von Sinner*

Resumo: Leonardo Boff tem suscitado muito debate teológico, não por último entre protestantes e, nomeadamente, luteranos. O presente artigo se propõe como modesta contribuição, receptiva, crítica e construtiva a este diálogo teológico e ecumênico, nos campos da eclesiologia, cosmologia, Trindade e doxologia. Descrevemos Boff como “católico protestante” que resgata dimensões originais de ambos os termos e com o qual nos encontramos na comum empreitada de buscarmos ser, em primeiro lugar, verdadeiramente evangélicos.

Resumen: Leonardo Boff ha suscitado gran debate teológico, del cual los protestantes no han estado al margen, especialmente, luteranos. El presente artículo se propone como modesta contribución; receptiva, crítica y constructiva a este diálogo teológico y ecuménico, en los campos de la eclesiología, cosmología, Trinidad y doxología. Se describe a Boff como “católico protestante” que rescata dimensiones originales de ambos términos y con el cuál nos encontramos en la común tarea de buscar ser, en primer lugar, verdaderamente evangélicos.

Abstract: Leonardo Boff has given rise to much theological debate, not lastly among the Protestants, and namely, among the Lutherans. This article proposes to be a modest, receptive, critical and constructive contribution to this theological and ecumenical dialog, in the fields of ecclesiology, cosmology, Trinity and doxology. We describe Boff as a “Protestant Catholic”, in which we recapture the original dimensions of both terms and with which we find ourselves in a common task to seek to be, in the first place, truly Evangelical.

* Natural da Suíça, é Doutor em Teologia pela Universidade de Basileia/Suíça (2001), tendo atuado dois anos na Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE) em Salvador/BA. Desde 2003 é professor de Teologia Sistemática, Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso na Escola Superior de Teologia (EST), em São Leopoldo/RS, e pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

Fui solicitado a refletir sobre “as relações da reflexão de Boff com a teologia protestante”, o que faço com muito prazer¹. Dessa forma, posso agradecer pelo grande aprendizado que a teologia de Boff me propiciou, bem como tentar aprofundá-la numa perspectiva protestante, evangélica, mais precisamente evangélico-luterana². Boff prezava de forma especial a contribuição de Lutero, como se mostra na seguinte citação: “Ele [sc. Lutero] é um dos pais do espírito emancipatório moderno e um dos doutores comuns do cristianismo. Nele há inegavelmente uma aura libertária e uma coragem para o protesto que têm a ver diretamente com a teologia latino-americana de libertação”.³

-
- 1 O presente texto foi elaborado originalmente para uma coletânea sobre o pensamento de Leonardo Boff, editada por Juarez GUIMARÃES, a ser publicada pela Fundação Perseu Abramo e a EDUFMG em meados de 2006. O texto foi adaptado e levemente revisado para a presente publicação. Serviu para sua elaboração minha tese de doutorado, publicada como SINNER, Rudolf von. **Reden vom dreieinigen Gott in Brasilien und Indien: Grundzüge einer ökumenischen Hermeneutik im Dialog mit Leonardo Boff und Raimon Panikkar**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2003. p. 59-195; para um resumo em português: *Hermenêutica ecumênica para um cristianismo plural: reflexões sobre contextualidade e catolicidade*. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, ano 44, n. 2, p. 32-42, 2004.
- 2 É onde exerço meu ministério hoje. Quando escrevi minha tese, era pastor da Igreja Reformada de Basiléia na Suíça. Chama a atenção que, nos últimos vinte anos, tem sido publicada uma variedade de obras por autores protestantes, muitos deles luteranos: SANDER, Luis Marcos. **Jesus, o libertador**: a cristologia da libertação de Leonardo Boff. São Leopoldo: Sinodal, 1986; NORDSTOKKE, Kjell. **Council and Context in Leonardo Boff's Ecclesiology: The Rebirth of the Church among the Poor**. Tradução Brian MacNeil. Lewiston: Edwin Mellen Press, 1996; SINNER, Rudolf von. **Der dreieinige Gott als Gemeinschaft: Beobachtungen an Leonardo Boffs sozialer Trinitätslehre**. 1993. Dissertação (Licenciatura em Teologia). Basiléia: Faculdade de Teologia, 1994; DALFERTH, Silfredo Bernardo. **Die Zweireichelehre Martin Luthers im Dialog mit der Befreiungstheologie Leonardo Boffs**: ein ökumenischer Beitrag zum Verhältnis von christlichem Glauben und gesellschaftlicher Verantwortung. Frankfurt a. Main: Lang, 1996; WESTPHAL, Euler Renato. **O Deus cristão**: um estudo sobre a teologia trinitária de Leonardo Boff. São Leopoldo: Sinodal, 2003; SCHAPER, Valério Guilherme. **A experiência de Deus como transparência do mundo**: o pensar sacramental em Leonardo Boff entre história e cosmologia. Tese (Doutorado em Teologia). São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 1998; SCHWAMBACH, Claus. **Rechtfertigungsgeschehen und Befreiungsprozess**: die Eschatologie M. Luthers im kritischen Gespräch mit der Eschatologie südamerikanischer römisch-katholischer Befreiungstheologie von L. Boff und J. B. Libânio: Überlegungen zur ökumenischen Verantwortung christlicher Hoffnung. Tese (Doutorado em Teologia). Erlangen-Nürnberg: Friedrich-Alexander-Universität, 2001. Há ainda o estudo do batista MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo. **Christologie und Nachfolge**: Eine systematisch-ökumenische Untersuchung zur Befreiungschristologie bei Leonardo Boff und Jon Sobrino. Ammersbek: Verlag an der Lottbek, 1991. Estes trabalhos, de maior fôlego acadêmico, são que me constam, todos originalmente teses ou dissertações.
- 3 Na apresentação do livro de ALTMANN, Walter. **Lutero e libertação**: releitura de Lutero em perspectiva latino-americana. São Paulo: Ática, 1994, p. 7; cf. também o capítulo: Lutero e a libertação dos oprimidos, recentemente reeditado in: BOFF, Leonardo. **Ética e eco-espiritualidade**. Campinas: Verus Editora, 2003, p. 132-147. Ali, Boff destaca três elementos que julga importantes no protestantismo: o princípio protestante (Paul Tillich), sempre crítico de ídolos

No título, chamei Leonardo Boff de “católico protestante”, no sentido de ser um teólogo com uma visão muito abrangente, “católica”, no sentido mais amplo possível, verdadeiramente cósmica. Ao mesmo tempo, tem-se mostrado “protestante” no sentido de, com coragem, enfrentar o poder eclesiástico e o, por assim dizer, “rolo compressor” dogmático de alguns teólogos influentes para elaborar sua teologia com base no Evangelho e nos desafios do contexto concreto. É, portanto, uma teologia que procura ser verdadeiramente *evangélica*, tendo sua base numa releitura contemporânea do Evangelho – razão pela qual, semelhantemente à Reforma do século XVI, virou *protestante* contra o *establishment* eclesiástico e seus aliados políticos – e uma teologia ecumênica, voltada para o mundo inteiro (*oikoumene*, em grego).

Chamou minha atenção já no início dos meus estudos teológicos, em meados dos anos oitenta do século passado, que os livros de Leonardo Boff se encontravam na área da dogmática na nossa biblioteca em Basiléia (Suíça). Isto era diferente de outras teologias elaboradas no chamado Terceiro Mundo, que eram colocadas na área de missiologia ou de ecumenismo. Lembro meu irmão mais velho, também teólogo, ter lido com muito interesse o livro de Boff sobre a graça⁴. Este foi texto de curso naquele semestre. Por um lado, penso ter sido este o caso por causa de sua temática central e, ao mesmo tempo, polêmica entre católicos e evangélicos. Boff já estava consagrado como teólogo de grande alcance acadêmico, tendo deixado, depois de cinco anos de pesquisa em Munique, uma obra que serve, até hoje, como referência para a teologia eclesiológica e sacramental pós-conciliar. Infelizmente, nunca foi traduzida na íntegra⁵. Durante seus estudos, se sentiu enriquecido por vários professores protestantes com quem pôde estudar, especialmente com o biblista Gerhard von Rad (1901-1971)⁶. Seu primeiro projeto de tese tinha sido uma abordagem da teologia da secularização do evangélico Friedrich Gogarten (1887-1967), mostrando o grande interesse

e do poder sacro; a recuperação do potencial libertador do Evangelho e a fé que deslança obras de libertação, sendo que é Deus que toma a iniciativa; BOFF, 2003, p. 146s.

4 BOFF, Leonardo. **Erfahrung von Gnade**: Entwurf einer Gnadenlehre. Tradução Horst Goldstein. Düsseldorf: Patmos, 1978. Título original: **A graça libertadora no mundo**. Petrópolis: Vozes, 1976; na 5ª ed. sob o título **Graça e experiência humana**: a graça libertadora no mundo. Petrópolis: Vozes, 1998.

5 BOFF, Leonardo. **Kirche als Sakrament im Horizont der Welterfahrung**: Versuch einer Legitimation und einer struktur-funktionalistischen Grundlegung der Kirche im Anschluss an das II. Vatikanische Konzil. Paderborn: Bonifatius, 1972; cf. o estudo de SCHAPER, 1998, que trabalha extensivamente com essa obra, especialmente na terceira parte, p. 333-435.

6 RAD, Gerhard von. **Teologia do Antigo Testamento**: teologia das tradições históricas de Israel. São Paulo: ASTE, 1973-74. 2 v.

que demonstrava pelo mundo e sua autonomia⁷. Por outro lado, o que foi como uma chuva refrescante entre os pilares dogmáticos um tanto ressecados e enrijecidos, chamou a atenção a conexão que Boff estabeleceu com a realidade da vida no continente latino-americano, na época da repressão política. Esta proximidade com a vida, a teologia buscando ter os “pés no chão”, ressoou muito nos meios teológicos europeus (e bem além destes) nos anos setenta e oitenta do século passado, e os livros do Boff eram recebidos como os carros-chefe da Teologia da Libertação. São também os únicos desse cunho teológico que, até hoje, são traduzidos com regularidade para o alemão e mantêm seu nível de venda no mercado.

Gostaria de abordar a temática a partir de quatro focos: a Igreja (eclesiologia), o Cosmos (cosmologia), Deus-Trindade e o Louvor a Deus (doxologia). Faço isto sem nenhuma pretensão de abrangência completa. Sem dúvida, e com grande valor para o debate, outras temáticas poderiam ser discutidas, como a cristologia, a doutrina da graça e a mariologia. Mas são as citadas que mais me instigaram para aprofundamento neste diálogo teológico-ecumênico.

1 - A Igreja (eclesiologia)

A doutrina da Igreja, a eclesiologia, é, certamente, um dos assuntos mais centrais na teologia de Leonardo e também, sem dúvida, o mais polêmico. O famoso livro *Igreja, carisma e poder* faz uma leitura crítica de uma eclesiologia centrada na instituição com suas patologias⁸. Rendeu-lhe um amplo processo por parte da Congregação para a Doutrina da Fé, do Vaticano, culminando na condenação a um ano de “silêncio obsequioso” (1985/86). É interessante perceber que uma das críticas foi precisamente sua tendência protestante e a citação de autores protestantes que o Vaticano identificou no livro:

[...] A crítica do cardeal [Ratzinger] se baseava no seguinte: “O teu livro é

7 Cf. GIBELLINI, Rosino. **A teologia do século XX** [1992]. Tradução João Paixão Netto. São Paulo: Loyola, 1998. p. 123-135. É com razão que SCHAPER, 1998, detecta uma afinidade com o pensamento do luterano Dietrich Bonhoeffer no tocante a “um cristianismo não religioso para um mundo tornado adulto”, p. 384 e passim; BONHOEFFER, Dietrich. **Resistência e submissão**: cartas e anotações escritas na prisão. Tradução Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 378-381, 433-440 (cartas de 5.5.44 e 8.6.44); cf. também. GIBELLINI, 1992, p. 105-121.

8 BOFF, Leonardo. **Igreja, carisma e poder** [1981]. Ed. rev. Rio de Janeiro: Record, 2005, onde também foram incluídos documentos do julgamento do livro e seu autor pelo Vaticano, um balanço crítico após vinte anos e a “carta aos companheiros e companheiras de caminhada”, onde ele explica sua decisão de deixar a ordem e o sacerdócio.

protestante, quem fala assim são os protestantes, eles não são como os católicos”. Eu digo: “Absolutamente, é o lado evangélico do protestantismo, e temos muito o que aprender com Lutero. Então, não aceito que seja o lado protestante, é o lado são da teologia, que percebe o excesso, o abuso de poder da Igreja, a soberba, e pertence à teologia ter uma palavra crítica sobre isso”.⁹

De fato, a eclesiologia elaborada por Leonardo ressoa muito positivamente como uma teologia protestante, melhor dizendo, evangélica, uma vez que insiste no povo de Deus como referência da Igreja, bem como no caráter da hierarquia, sobretudo, como serviço¹⁰. Tomou como base de seu pensamento o II Concílio Vaticano (1962-65), que relativizou a tradicional identificação entre a Igreja de Cristo, una, santa, católica e apostólica, e a Igreja Católica [Romana], na qual ela apenas “subsiste”, evitando dizer que esta “é” aquela¹¹. Na leitura de Boff, isto significa que a Igreja de Cristo pode

9 BOFF, Leonardo. “A Igreja mente, é corrupta, cruel e sem piedade.” **Caros Amigos**: as grandes entrevistas, p. 34, dez. 2000. Entrevista concedida em 1998. A grande presença de autores protestantes já ocorre em **Jesus Cristo Libertador**, conforme constata BRANDT, Hermann. **Gottes Gegenwart in Lateinamerika**: Inkarnation als Leitmotiv der Befreiungstheologie. Hamburg: Steinmann und Steinmann, 1992. p. 57, onde cita os nomes de exegetas e teólogos sistemáticos citados por Boff naquela obra. De fato, já aqui Boff se mostra como católico protestante, pois sua interpretação do significado teológico do Jesus histórico serve como confrontação com o sistema eclesiástico autoritário, conforme BRANDT, 1992, p. 56, ao querer adotar como critério da realidade atual da Igreja as suas origens, mais especificamente, na vida de Jesus. É o que fizeram todos os reformadores.

10 Isto apesar de, em publicações iniciais, Boff ter afirmado: “A Igreja Católica Apostólica Romana, por sua estreita e ininterrupta ligação com Jesus Cristo a quem ela prega, conserva e vive em seus sacramentos e ministérios, e por quem se deixa continuamente criticar, pode e deve ser considerada como a mais excelente articulação *institucional* do cristianismo. [...] Com isso, porém, não se nega o valor religioso e salvífico das demais religiões. Apenas que, em confronto com a Igreja, aparecem deficientes”. BOFF, Leonardo. **Jesus Cristo Libertador**: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo [1972]. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 190s.; cf. BRANDT, 1992, p. 46ss. Deve-se acrescentar que o que hoje soa conservador para a época era bastante progressista, pois não identifica a Igreja Católica Romana com “a Igreja” em todos os seus aspectos e reconhece, explicitamente, o valor religioso das demais igrejas e religiões.

11 CONSTITUIÇÃO Dogmática “Lumen Gentium”, 8. In: **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 47. Naturalmente, há grandes divergências na interpretação do significado de “subsistir”. Apenas lembro que Karl Rahner descrevia a Trindade como um Deus em três diferentes “modos de subsistência” (*Subsistenzweisen*); portanto, se o mesmo Deus pode subsistir em três modos diferentes, sem que isto signifique um triteísmo (três deuses), não é de todo impensável que a mesma Igreja possa subsistir em diferentes igrejas. RAHNER, Karl. Der dreifaltige Gott als transzendenter Urgrund der Heilsgeschichte. In: FEINER, Johannes; LÖHRER, Magnus (Hrsg.). **Mysterium Salutis**: Grundriss heilsgeschichtlicher Dogmatik. Einsiedeln: Benziger, 1967. v. 2, p. 317-401. [Edição brasileira: FEINER, Johannes; LÖHRER, Magnus (Ed.). **Mysterium Salutis**: compêndio de dogmática histórico-salvífica. Petrópolis: Vozes, 1971-85.]

“subsistir” também em outras igrejas¹², o que lhe rendeu uma nota de rodapé num documento da Congregação para a Doutrina da Fé de 2000, que declarou ser uma leitura exclusiva a certa: “É, portanto, contrária ao significado autêntico do texto do Concílio a interpretação que leva a deduzir da fórmula *subsistit in* a tese, segundo a qual, a única Igreja de Cristo poderia também subsistir em Igrejas e Comunidades eclesiais não católicas”.¹³ Num “manifesto ecumênico”, publicado, se bem vejo, apenas em alemão, Leonardo reagiu de forma extensa ao referido documento *Dominus Iesus* (“Senhor Jesus”), que, não sem razão, recebeu o título de *Domina Ecclesia* (“Senhora Igreja”) por parte do teólogo luterano alemão Eberhard Jüngel, denominação que certamente poderia contar com a anuência de Leonardo Boff. No manifesto, ele afirma, entre outros:

Se o Vaticano insistir na sua posição, excluindo todas as outras [sc. igrejas], o ecumenismo entre os cristãos passará antes via Genebra do que via Roma, isto é, pela sede do Conselho Mundial de Igrejas. Pois é em Genebra que podemos perceber algo da herança de Jesus, que é aberta para a dimensão do Espírito que preenche a face da terra e aquece os corações dos povos e dos seres humanos. O ecumenismo precisa basear-se no Evangelho e não na Igreja.¹⁴

Continuando o raciocínio, a eclesiologia boffiana é uma eclesiologia a partir “de baixo”, partindo do povo – na terminologia protestante, do sacerdócio de todos os crentes (cf. 1Pe 2.9) –, uma eclesiologia participativa, radicada na fé e no Evangelho. É uma eclesiologia de comunidade e de comunhão (*communio*), que ganhou certa notoriedade em círculos teológicos mais abertos, inclusive em debates ecumênicos, mas também recebeu avaliação crítica pelo Vaticano¹⁵.

12 “Mas também não o é [sc. a Igreja de Cristo] porque não se pode pretender identificá-la exclusivamente com a Igreja de Cristo, já que esta pode subsistir também em outras Igrejas cristãs.” BOFF, 2005a, p. 163; cf. também p. 455-457.

13 CONGREGAÇÃO para a Doutrina da Fé. **Declaração “Dominus Iesus” sobre a unicidade e a universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja** [2000]. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 31, nota 56. Repete, em seguida, as críticas já feitas em CONGREGAÇÃO para a Doutrina da Fé. Notificação sobre o volume “Igreja: carisma e poder” de Leonardo Boff. **Acta Apostolicae Sedis**, v. 77, p. 756-762, 1985. Cf. a resposta de Boff em BOFF, Leonardo. **Manifest für die Ökumene: Ein Streit mit Kardinal Ratzinger**. Tradução Horst Goldstein. Düsseldorf: Patmos, 2001. p. 89-113; versão em português disponível em: <<http://www.servicioskoinonia.org/relat/236p.htm>>. Acesso em: 01 fev. 2006; sobre as várias interpretações do “*subsistit in*”, cf. também LIBÂNIO, João Batista. **Concílio Vaticano II**: em busca de uma primeira compreensão. São Paulo: Loyola, 2005. p. 150-153.

14 BOFF, 2001b, p. 85, (tradução própria).

15 DULLES, Avery. Comunhão. In: LOSSKY, Nicholas et al. (Ed.). **Dicionário do Movimento Ecumênico**. Tradução Jaime Clasen. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 195-198; TILLARD, Jean-Marie R. **Church of Churches: The Ecclesiology of Communion**. Collegeville M.N.: Litur-

Ela não é apenas uma eclesiologia do povo (leigo, o *laos*), mas uma eclesiologia popular no sentido da Teologia da Libertação. É uma eclesiologia voltada para o contexto concreto da vida, principalmente para o povo pobre; portanto, Boff fala de uma “eclesiogênese” mediante a auto-organização deste povo de Deus, principalmente nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)¹⁶. Defende não apenas um “novo modo de ser Igreja”, mas um “novo modo de toda Igreja ser”.

É ainda uma eclesiologia aberta para outras experiências eclesiais, fora do âmbito da Igreja Católica Apostólica Romana. Nesse sentido, Boff é mais católico (universal) do que romano. Se Hugo Assmann criticou a Teologia da Libertação por ter sido demasiadamente “catolicocêntrica”, por ser “do setor mais eclesiocêntrico” da Teologia da Libertação, foi precisamente a eclesiologia boffiana que permitiu uma visão ampla e inclusiva, além do catolicismo romano, até um catolicismo cósmico. Ainda segundo Assmann: “Posso imaginar o quanto muitos teólogos protestantes da América Latina percebiam as distorções devidas à ênfase nos problemas típicos da Igreja católica”.¹⁷ De fato, houve uma concentração na Igreja Católica Romana, provavelmente muitas vezes sem ser percebida pelos referidos autores, que, em geral, eram e são pessoalmente abertos ao ecumenismo. Isto não é de estranhar, uma vez que a maior parte dos teólogos com grande expressão era (e é) católica. Contudo, o maior problema, a meu ver, não é esse. É que o diálogo interconfessional e a existência das igrejas protestantes históricas foram – e continuam sendo – amplamente desconsiderados. Existe uma tendência, à qual também Boff não escapa, de pular da Igreja Católica Romana (com seu universalismo inerente) diretamente para uma espécie de “macroecumenismo” das diferentes religiões¹⁸. A abrangência do “católico”, nesta visão, não se desdobra por partes, mas vai do relativa-

gical Press, 1992; CONGREGAÇÃO para a Doutrina da Fé. **Carta sobre alguns aspectos da Igreja entendida como comunhão** – Communis notio. 28 maio 1992. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_28051992_comunionis-notio_po.html>. Acesso em: 25 jan. 2005.

16 Cf. BOFF, Leonardo. **Eclesiogênese: as Comunidades Eclesiais de Base reinventam a Igreja**. Petrópolis: Vozes, 1977; _____. **E a Igreja se fez povo: eclesiogênese: a Igreja que nasce da fé do povo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

17 ASSMANN, Hugo. Teologia da solidariedade e da cidadania: ou seja: continuando a Teologia da Libertação. In: **Crítica à lógica da exclusão: ensaios sobre economia e teologia**. São Paulo: Paulus, 1994. p. 28.

18 Cf. a semelhante observação feita por LIBÂNIO, 2005, p. 154: “O diálogo inter-religioso [=macroecumenismo] está atraindo as energias espirituais e teológicas, deixando o ecumenismo na sombra. Esquece-se, porém, de que o diálogo ganharia muito se as Igrejas cristãs construíssem antes uma união consistente ou, pelo menos, partissem para o diálogo com as outras religiões com consensos adquiridos anteriormente entre elas”.

mente estreito para o máximo alcançável, o cósmico, incluindo todas as religiões. Aqui vejo que há um grande perigo de desconsiderar a alteridade num inclusivismo nem sempre desejado pelo “outro”¹⁹. É preciso, neste caso, uma “hermenêutica da diferença”, para primeiro enxergar o outro como outro, antes de declarar todos como iguais, tendo o mesmo Deus, fazendo parte da mesma unidade e diversidade inerentes ao cosmos, etc.²⁰.

2 - O Cosmos – cosmologia

A dimensão cósmica da teologia boffiana foi se fortalecendo ao longo de sua trajetória. Para Boff, a catolicidade tinha desde o início uma dimensão cósmica. Muitas vezes se esquece que seu primeiro livro em português não foi o famoso *Jesus Cristo Libertador*, mas um estudo sobre o *Cristo Cósmico*, retomando o pensamento do paleontólogo jesuíta Teilhard de Chardin²¹. Também contribuiu para esta visão a tradição franciscana²². Portanto, não é surpreendente que Boff tenha publicado vários escritos sobre ecologia nos anos noventa, em torno da conferência da ONU sobre o meio ambiente e o desenvolvimento (UNCED), a “Rio 92”. No mesmo período, ele vinha enfrentando uma série de censuras por parte do Vaticano, sendo até proibido de falar durante a Rio 92, o que culminou na sua decisão e carta de despedida da ordem franciscana e do sacerdócio oficial²³.

Na minha percepção, principalmente a partir de sua teologia trinitária, Boff constrói dois tipos de relação de Deus com o mundo²⁴: a ontológica e a analógica. Na relação *ontológica*, todo ser, o mundo, o cosmos têm sua

19 Tentei desenvolver este ponto em relação ao diálogo inter-religioso em SINNER, Rudolf von. Diálogo inter-religioso: dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões. **Cadernos Teologia Pública**, ano 2, n. 9, p. 5-22, 2005; também em **Teocomunicação**, ano 34, n. 145, p. 553-573, 2004.

20 A mesma crítica é feita a partir dos meios indígena e negro, onde há receio de que não seja respeitada a alteridade, mas construída uma falsa harmonia; cf. WAGUA, Aiban. Indianische Theologien? In: FORNET-BETANCOURT, Raúl (Ed.). **Befreiungstheologie**: Kritischer Rückblick und Perspektiven für die Zukunft. Mainz: Grünewald, 1997. v. 2, p. 259-276; HOFBAUER, Andreas. **Afro-Brasilien**: Vom “weissen” Konzept zur “schwarzen” Realität: Historische, politische, anthropologische Gesichtspunkte. Wien: Promedia, 1995. p. 191 e 262 (n. 236).

21 BOFF, Leonardo. **O evangelho do Cristo cósmico**: o mito de uma realidade e a realidade de um mito. Petrópolis: Vozes, 1971.

22 Cf. o belo livro BOFF, Leonardo. **São Francisco de Assis**: ternura e vigor [1981]. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

23 Cf. BOFF, 2005a, p. 467-472.

24 Vale ressaltar que “o mundo” é, diferentemente da visão de muitos cristãos evangélicos, algo entendido de forma muito positiva no pensamento de Boff, abrangendo a “totalidade da criação”, “o cosmos, o homem e a história toda”, apud SCHAPER, 1998, p. 378, n. 2.

origem em Deus através da criação e serão recebidos na vida da comunhão trinitária no final dos tempos. Por um lado, portanto, esta criação já é *vestigium trinitatis*, já está impregnada da imagem de Deus-Trindade. Cada ser, nesta visão, “é mensageiro de Deus, seu representante e sacramento”²⁵. A relação entre Deus e o mundo é compreendida como “pan-en-teísta”, ou seja, Deus está em tudo, mas este tudo não é idêntico a Deus (o que seria o pan-teísmo: Deus é tudo, tudo é Deus)²⁶. Por outro lado, a criação deverá tornar-se *vestigium trinitatis*, tem como destino assemelhar-se ao Deus que é comunhão de amor, e funciona, assim, como modelo para a sociedade. Chamo isto de relação *analógica*, base para a teologia trinitária e comunitária que Boff desenvolveu (cf. também *infra*, 3.). Assim sendo, o caráter ético da teologia boffiana, que procura suas conseqüências na ação humana, inspirando-se no modelo divino, é incorporado numa visão mais ampla, cósmica.

Percebo ainda, ao longo do desenvolvimento do pensamento de Leonardo, o que me parece uma mudança de enfoque, ou talvez melhor: de prisma. Um termo central para ele tem sido *sacramento*, entendido como lugar onde o transcendente se torna transparente para o mundo, o invisível se torna visível²⁷. O sacramento principal da presença de Deus no mundo era, na teologia boffiana, a Igreja, conforme desenvolveu na sua tese de doutorado, onde a Igreja era o lugar privilegiado da presença de Deus no mundo, portanto o sacramento. A Igreja “possui a função dupla [...] de ser, ao mesmo tempo, representante de Deus e representante da humanidade; ela tem uma função de expressão (a partir da humanidade) e de sinal (a partir de Deus); ela é instrumento e sinal: portanto sacramento”²⁸. Em escritos mais recentes, fica evidente que este relacionamento de Deus com o mundo tem na Igreja seu prisma talvez privilegiado, mas logo se estende para a humanidade e para o cosmos: “A comunhão da Igreja precisa com-

25 BOFF, Leonardo. **Ecologia, mundialização, espiritualidade**: a emergência de um novo paradigma. São Paulo: Ática, 1993. p. 48.

26 BOFF, 1993, p. 45ss.; BOFF, Leonardo. Tudo em Deus, Deus em tudo: a Teosfera, In: BOFF, Leonardo et al. **Ecologia e pobreza**: grito da terra, grito dos pobres. São Paulo: Ática, 1995. p. 217-242.

27 BOFF, Leonardo. **Mínima Sacramentalia**: os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos: ensaio de teologia narrativa [1975]. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. Ficou famosa sua interpretação “do toco de cigarro” do seu pai que recebeu junto com o anúncio da morte dele: “Fora o último que havia fumado, momentos antes de um enfarte do miocárdio o haver libertado definitivamente desta cansada existência. [...] Desta hora em diante, o toco de cigarro não é mais um toco de cigarro. É um sacramento. Está vivo e fala da vida”. BOFF, 1995, p. 22.

28 BOFF, 1972, p. 36, (tradução própria). Cf. também p. 28-37.

preender-se como parte da comunhão da humanidade – e esta, por sua vez, como parte da comunhão do cosmos. E todos juntos como parte da comunhão trinitária do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.²⁹ Nas abordagens mais recentes, principalmente a partir de sua saída do sacerdócio, tenho a impressão de que a Igreja chega a ceder este lugar ao próprio cosmos. Nos escritos mais ecológicos, não se fala de Igreja, certamente não na sua forma institucional e, muito menos, hierárquica. Fala-se de “mística”, “espiritualidade”, “religião”, “cristianismo”, “teologia”, mas não de Igreja, a não ser na sua forma popular das CEBs. Assim, podemos arriscar a hipótese que, na teologia boffiana mais recente, o próprio cosmos com sua interpretação religiosa funciona como prisma da presença de Deus no mundo, e não mais a Igreja³⁰.

Não obstante, Boff vem republicando textos já antigos sobre a Igreja, partindo da noção da Igreja como povo de Deus, Igreja popular, e a Teologia da Libertação ligada a ela, reafirmando assim o que defendeu nos anos setenta e oitenta sobre a Igreja. Um livro recente não contém nenhum prefácio explicativo, mas tem o título de *Novas fronteiras da Igreja: o futuro de um povo a caminho*, que reafirma a linha assumida anteriormente³¹. Boff sempre defendeu que os livros mais recentes sobre ecologia, cosmologia, espiritualidade, etc., que podem ser encontrados nas estantes de “autoajuda” em quase todas as livrarias, inclusive de aeroporto, não significariam um abandono da posição libertadora. Assim, inclui, por exemplo, os pobres no pensamento ecológico³².

A insistência de Boff na ecologia demonstra, mais uma vez, o quanto é pioneiro. Tem divulgado uma temática ainda pouco debatida, apesar dos megaprojetos que prejudicam seriamente o equilíbrio ecológico na floresta amazônica, no Rio São Francisco e em outras áreas. Tem, inclusive, introduzido o tema na reflexão teológica, onde, lamentavelmente, continua sendo efêmero³³. Assim, merece todo louvor e reconhecimento. O que um teólogo

29 BOFF, Leonardo. **Eine neue Erde in einer neuen Zeit: Plädoyer für eine planetarische Kultur**. Düsseldorf: Patmos, 1994 (tradução própria).

30 SINNER, 2003, p. 168-182.

31 BOFF, Leonardo. **Novas fronteiras da Igreja: o futuro de um povo a caminho**. Campinas: Verus, 2004. Conforme a página dos créditos, o livro reúne textos publicados anteriormente em **Do lugar do pobre** (1984), e **E a Igreja se fez povo** (1986), revistos e ampliados pelo autor.

32 BOFF, 1995c, p. 163-178. A tese de SCHAPER confirma que os conceitos da história (na linha da libertação) e do cosmos em Boff, entendidos por críticos como contraditórios, encontram seu nexo lógico precisamente no pensar sacramental boffiano: SCHAPER, 1998.

33 Cf., porém, MOLTSMANN, Jürgen. **Deus na criação: doutrina ecológica de Deus**. Petrópolis: Vozes, 1993; bem como os escritos ecofeministas, por exemplo, GEBARA, Ivone. **Teologia ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião**. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

protestante gostaria de discutir aqui é que a cosmologia boffiana é de cunho muito positivo, harmonioso, sem contar suficientemente com o poder também cósmico do pecado. A dimensão do pecado em relação à natureza é um antigo tema de polêmica entre católicos e protestantes. Enquanto os primeiros tendem a subestimar o pecado na sua dimensão cósmica e, portanto, cultivam uma imagem intrinsecamente boa do cosmos, os últimos tendem a minimizar o papel próprio da natureza, concentrando a teologia na questão da justificação (do indivíduo!) por graça e fé³⁴. Vejo a teologia cósmica de Boff como um desafio saudável a uma teologia que tende a ser demasiadamente racional e individualista, ao mesmo tempo em que é importante manter a distinção entre Deus e o mundo, para não cair numa visão demasiadamente harmoniosa que não faria jus à ambigüidade da existência humana. A distinção entre Deus e o mundo é também pressuposto para uma dignidade humana que não se baseia em algum elemento natural do ser humano, nem em suas qualidades, pois independe de qualquer especificidade do indivíduo. Antes, ela é atribuída por Deus, a cuja imagem e semelhança o ser humano foi criado³⁵. O mesmo valeria para a natureza não humana, pela qual o ser humano foi chamado a zelar³⁶.

3 - Deus-Trindade

Outro campo de fundamental importância é a teologia trinitária de Leonardo Boff, já mencionada anteriormente. Seu livro *A Trindade, a sociedade e a libertação* foi escrito durante o ano em que observava o “silêncio obsequioso”, ao qual fora condenado pela Congregação para a Doutrina da Fé da Cúria Romana³⁷. O livro é, em grande parte, um tratado

34 Veja, por exemplo, a crítica de WESTPHAL, 2003, p. 295ss.; para o desafio positivo da teologia boffiana para a teologia protestante cf. também SCHAPER, 1998, p. 432: “Em síntese, pode-se dizer que a necessidade de recuperar a natureza como lugar de epifania, como criação de Deus coloca-se à teologia protestante não apenas como uma urgência ou um apelo externo, mas, segundo Tillich, como uma necessidade interna, no sentido de implementar uma prática sacramental consequente”.

35 Cf. BRAKEMEIER, Gottfried. O ser humano – máquina, mercadoria, imagem de Deus. In: BRAKEMEIER, Gottfried. **O ser humano em busca de identidade**: contribuições para uma antropologia teológica. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 9-48.

36 É com razão que o luterano Westhelle afirma que o problema principal não é o relacionamento *homo-natura*, como se a tarefa humana de “dominar” a criação (Gênesis 1.28) implicasse, necessariamente, o abuso e a destruição (esta foi a tese do cientista Lynn White em 1967 e de muitos outros depois), mas o dualismo científico moderno, alheio ao pensamento bíblico: “dominar os animais é estabelecer uma convivência pacífica com os mesmos”: WESTHELLE, Vítor. A voz que vem da natureza. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, ano 30, n. 1, p. 21, 1990.

37 BOFF, Leonardo. **A Trindade e a sociedade** [1986]. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1987. Nesta edição, o título foi modificado de **A Trindade, a sociedade e a libertação** para **A Trindade e a sociedade**.

bastante ortodoxo sobre os conceitos trinitários da tradição cristã. Contudo, é altamente crítico ao poder hierárquico, crítica esta que se dirige, evidentemente, também ao Vaticano.

A afirmação central é que “a Trindade é o nosso verdadeiro programa social”³⁸. Neste tocante, Boff se mostra herdeiro, entre outros, do pensador russo Nikolai Fedorov (1828-1903), que já fora citado pelo teólogo protestante alemão Jürgen Moltmann na sua abordagem semelhante da teologia trinitária em relação à sociedade³⁹. A posição boffiana vem à tona claramente ao identificar aquilo ao que está se opondo e o que procura construir.

Boff se mostra oposto a uma imagem de Deus que denote um monarca celestial que se refletiria diretamente num monarca mundano: um Deus, um Império, um Rei. Ele retoma a crítica do teólogo alemão Erik Peterson, que se opôs a este tipo de “teologia política”⁴⁰. Apesar de ser uma tese de cunho histórico, sua intenção era ser uma sutil crítica ao império dos nazistas em ascensão e ao apoio ideológico que recebeu de pensadores como Carl Schmitt, que defendeu que “todos os conceitos determinantes [*prägnante Begriffe*] da doutrina moderna do Estado são conceitos teológicos secularizados”⁴¹. Peterson concluiu que a plena implementação da teologia trinitária pelos padres da Capadócia no século IV teria rompido radicalmente com qualquer “teologia política” que abusasse da proclamação cristã para legitimar um regime ou sistema político. Não existem, segundo Peterson, *vestigia trinitatis* na sociedade humana. Importa acrescentar que, na verdade, o que Peterson e seus seguidores apontam é menos uma crítica do “monoteísmo”⁴² do que de uma imagem “monárquica” de Deus, uma vez que uma semelhante crítica teológica ao poder pode ser identificada no monoteísmo israelita⁴³. O que pretendem enfatizar, isto sim,

38 BOFF, 1987, p. 29.

39 FEDOROV, Nikolai F. The Restoration of Kinship Among Mankind. In: SCHMEMANN, Alexander (Ed.). **Ultimate Questions: An Anthology of Modern Russian Religious Thought**. London e Oxford: [s.n.], 1977. p. 175-223; MOLTSMANN, Jürgen. **Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia** [1980]. Tradução Ivo Martinazzo. Petrópolis: Vozes, 2000; cf. a perspectiva cristã-ortodoxa da Índia, com influência marxista: OSTHATHIOS, Geevarghese Mar. **Theology of a Classless Society**. Tiruvalla: [s.n.], 1979.

40 PETERSON, Erik. Der Monotheismus als politisches Problem: Ein Beitrag zur Geschichte der politischen Theologie im Imperium Romanum [1935]. In: **Theologische Traktate: Ausgewählte Schriften**. Würzburg: Echter, 1994. v. 1, p. 23-81.

41 SCHMITT, Carl. **Politische Theologie** [1922]. 6. ed. Berlin: [s.n.], 1993. p. 43 (tradução própria).

42 BOFF, 1987, p. 29ss.; MOLTSMANN, 2000, p. 139ss.

43 Cf. ASSMANN, Jan. **Herrschaft und Heil: Politische Theologie in Ägypten, Israel und Europa**. München, Wien: Hanser, 2000.

é que Deus não é um comandante monárquico-hierárquico, mas um ser-em-comunhão comunitário⁴⁴.

Mais especificamente, Boff identifica três formas de interpretações errôneas da Trindade na América Latina. Na sociedade colonial e agrária, ele identifica a “religião só do Pai”, num sistema patriarcal, patrimonial e paternalista. Num ambiente mais democrático, emerge a figura do líder e do militante, onde Jesus é encarado como “nosso Irmão” e nosso “Chefe e Mestre”, constituindo o “religião só do Filho”. Por fim, onde prevalecem a subjetividade e a criatividade, como em grupos carismáticos (pentecostais), a interioridade é enfatizada e pode, no seu extremo, resultar em fanatismo e anarquismo. Esta última seria a “religião só do Espírito”⁴⁵. Caberia fazer aqui uma análise abrangente para verificar se esta tipologia confere de fato com a cultura brasileira, em intenso diálogo com os estudos antropológicos e sociológicos e suas recentes críticas⁴⁶. Contudo, o espaço e nosso tema específico não permitem fazê-lo aqui. Gostaria apenas de observar que, embora Boff faça a mencionada crítica a modelos unitários, ele ao mesmo tempo valoriza os três aspectos: o relacionamento com o “para cima” (origem), “para os lados” (fraternidade) e para a “interioridade” (a dimensão pessoal). As duas visões são válidas, tomadas separadamente, mas é difícil entender como se poderiam transformar exemplos concretos, com um alto grau de negatividade, em aspectos abstratos, agora positivos e até essenciais para a existência humana, sem dizer como estes últimos se refletiriam, então, concretamente na sociedade⁴⁷.

44 Sobre Deus como comunhão, numa visão mais filosófico-ontológica do que política, cf. ZIZIOULAS, John. **Being as Communion: Studies in Personhood and the Church**. New York: [s.n.], 1985.

45 BOFF, 1987, p. 26-29.

46 BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. **As raízes do Brasil** [1936]. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995; DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997; FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro** [1957]. 3. ed. rev. São Paulo: Globo, 2001; e a crítica destas “teorias da inautenticidade brasileira” SOUZA, Jessé. **A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro**. Brasília: Editora UnB, 2000.

47 Algo semelhante ocorre na leitura do feminino que Boff faz, a partir da noção dos arquétipos da psicologia da profundidade de Carl Gustav Jung, atribuindo o feminino ao mesmo tempo a uma pessoa da Trindade, o Espírito Santo, “pneumatificado” em Maria (ou seja, encarnado de forma semelhante como o Filho se encarnou em Jesus de Nazaré), e a todas as pessoas, da Trindade e humanas, sendo ao mesmo tempo femininas (*animae*) e masculinas (*animi*), de modo que crítica e construção, assimetria e equilíbrio andariam juntos, o que não me parece plausível: cf. BOFF, Leonardo. **O rosto materno de Deus: ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas** [1979]. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1995; SINNER, 2003, p. 154-168. Recentemente, Boff tem destacado São José como tipo de encarnação (“personificação”) do Pai, completando a Trindade Pai-Filho-Espírito Santo e sua personificação/encarnação/pneumatificação em José, Jesus e Maria; BOFF, Leonardo. **São José: a personificação do**

Na sua carta de despedida do sacerdócio, Boff recorre à mesma linha de pensamento trinitário, voltado agora para uma crítica à Igreja (conforme já ocorre no seu livro):

Com freqüência, fiz a seguinte reflexão, que aqui repito: o que é erro na doutrina sobre a Trindade não pode ser verdade na doutrina sobre a Igreja. Na Trindade se ensina que não pode haver hierarquia. Todo o subordinacionismo é aí herético. As pessoas divinas, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, são de igual dignidade, de igual bondade e de igual poder. A natureza íntima da Trindade não é solidão, mas comunhão. [...] Mas da Igreja se diz que é essencialmente hierárquica. E que a divisão entre clérigos e leigos é de instituição divina.⁴⁸

Boff postula, portanto, uma analogia entre Deus-Trindade, a Igreja e a sociedade: assim como Deus é comunhão de amor, mas respeita as diferenças, de semelhante modo a Igreja e a sociedade deveriam ser unidade na diversidade, estrutura democrática e de serviço e não de poder. Baseia-se no conceito trinitário da *pericórese* (mútua interpenetração), em que cada um vive no outro, e vice-versa, numa relação de iguais. Embora essa descrição de Deus tenha sua beleza em termos metafóricos e possa, isto sim, servir como “crítica e inspiração” (Boff) para a Igreja e a sociedade, ela dificilmente pode ser operacionalizada para tornar-se concreta. Boff tende, por um lado, a um excesso de concretude, pois formula a comunhão trinitária em termos humanos, apesar de repetir que se trata de uma fala metafórica e doxológica (cf. *infra*, 4.). Não é de todo improcedente que Feuerbach associasse precisamente a Trindade a uma família, buscando assim comprovar o caráter altamente antropomórfico de Deus, que seria uma projeção de elementos da vida humana para o (suposto) transcendente⁴⁹. Deus não pode ser considerado comunhão no sentido humano, a não ser que se afirme que sejam três deuses e não apenas um. Trindade quer, de maneira única a Deus, manter exatamente a tensão entre as três dimensões do divino e sua unidade, sendo um Deus, o Deus de Abraão, Isaac e Jacó e também de Jesus Cristo.

Pai. Campinas: Versus Editora, 2005. – Semelhante tentativa de harmonização de algo contraditório podemos encontrar na metáfora da águia e da galinha, que, segundo Boff, seriam (os dois) aspectos imprescindíveis da natureza humana, mas mantêm uma clara assimetria, uma vez que a águia que caiu entre as galinhas precisa se libertar como águia e tomar os céus, algo certamente superior ao ser terrestre de uma galinha; cf. BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha**: uma metáfora da condição humana. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. O livro chegou, entretantes, pelo menos à sua 37. ed.

48 BOFF, 2005a, p. 468.

49 FEUERBACH, Ludwig. **Das Wesen des Christenthums** [1841, 4. ed. 1883]. 2. ed. Stuttgart: Ed. W. Bolin, 1960. p. 79-90, 279-283. [Edição brasileira: FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo**. Campinas: Papyrus, 1988.]

Por outro lado, falta concretude na transformação da *pericórese* divina para o mundo humano – se é que ela pode ou deve ser transformada em modelo para a convivência humana. Seria esperar demais deste modelo se pensássemos que os seres humanos viveriam numa *pericórese* (interpretação) da forma como a vive o Deus Tri-uno. Se assim fosse, aniquilaria, a meu ver, as diferenças entre os indivíduos, cada um único, cada uma única, pois, diferentemente de Deus, persistimos como entes diferentes. Não somos unos como Deus é tri-uno. Portanto, se se quer falar de uma *pericórese* humana, esta seria uma fala não apenas metafórica, mas duplamente metafórica, ao falar metaforicamente de Deus e ao usar esta metáfora como modelo para a sociedade humana e para a igreja.

Mas voltando à questão da concretude: tudo indica que Boff imaginava as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) como núcleos da vivência de tal comunidade inspirada pelo Deus-Trindade. Nada impede isso, desde que seja resguardado o caráter duplamente metafórico desta fala. Porém, Boff não reflete sobre como tal modelo poderá ser aplicado à sociedade como um todo. Se, a meu ver, por um lado importa não ofuscar a fundamental diferença entre Deus e o ser humano, é necessário, por outro, transferir valores éticos de convivência humana, oriundos da fé cristã, para uma sociedade concreta poder vingar. Para isso, é preciso valer-se de estudos culturais bem como de direito e ciência política, aspectos que receberam pouco respaldo na literatura boffiana⁵⁰. Num texto que escrevi para uma coletânea, norte-americana, mas com participação internacional, sobre a teologia trinitária, a igreja e a sociedade civil, tentei esboçar essa concretude não a partir da categoria da relação/do relacionamento em si (ou “inter-retro-relacionamento”, como Boff costuma dizer), mas a partir das *características* de tal relação/relacionamento, que resumi como alteridade, participação, confiança e coerência⁵¹. Diante da restrição do espaço neste artigo, posso

50 Se bem vejo, a questão cultural recebeu maior atenção apenas no opúsculo escrito para precisamente destacar valores brasileiros (como o jeitinho, embora seja altamente ambíguo): BOFF, Leonardo. **Depois de 500 anos**: que Brasil queremos? Petrópolis: Vozes, 2000; cf. também a bela coletânea de contos indígenas: BOFF, Leonardo. **O casamento entre o céu e a terra**: contos dos povos indígenas do Brasil. Rio de Janeiro: Salamandra, 2001.

51 SINNER, Rudolf von. Trinity, Church and Society in Brazil. In: CASARELLA, Peter J.; METZGER, Paul Louis; STORRAR, William F. (Org.). **Trinity, Church and Civil Society**: Ecumenical and Global Perspectives. Grand Rapids: Erdmans, 2006. No prelo. Veja também minha aula inaugural proferida na Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo: Confiança e convivência: aportes para uma hermenêutica da confiança para a convivência humana. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, ano 44, n. 1, p. 127-143, 2004. Estes aportes são explorações dentro de um projeto de pesquisa sobre a contribuição das igrejas para a cidadania no Brasil, que conta com uma bolsa da Fundação Nacional Suíça de Ciência (www.snf.ch).

dar apenas uma pincelada das implicações destes aspectos. Uma hermenêutica sensível ao outro e à outra é necessária para preservar a unicidade de cada pessoa e seu direito à diferença, inclusive à diferença religiosa. Preserva o mistério e procura a compreensão, como acontece na teologia quando procura, ao mesmo tempo, revelar e respeitar o mistério de Deus como tri-uno, unidade em diferença (*alteridade*). O conceito da *participação* é central ao discurso sobre a sociedade civil e a cidadania. As igrejas, como parte da sociedade civil, têm um papel importante no encorajamento da participação cidadã, funcionando, idealmente, como escolas da democracia, uma vez que treinam pessoas dentro de suas estruturas, promovem colaboração com o Estado nos conselhos paritários em relação a crianças e adolescentes e à segurança alimentar, por exemplo, e contribuem para o discurso numa forma crítico-constructiva⁵². *Confiança* (ou seja, fé, *pistis*, em grego) em Deus visto como tri-uno pode dar boas razões para investir confiança na democracia, mesmo quando essa tem múltiplas falhas⁵³. Deus preserva a continuidade dentro de situações históricas altamente ambíguas onde se manifesta, de forma central na cruz de Gólgata, e empodera pessoas para viver suas vidas à procura da justiça, sabendo que são, ao mesmo tempo, pecadoras. A noção da ambigüidade é central na teologia luterana, embora não use freqüentemente este termo, pois o fiel é, ao mesmo tempo e inescapavelmente, justo e pecador. Importa manter este aspecto diante da crescente dominância de uma teologia da prosperidade, principalmente nas igrejas neopentecostais, que pretende excluir o fracasso da existência humana e prega apenas o sucesso. Quem não tem sucesso, segundo esta compreensão, não tem fé suficiente. É assim que se criam neuroses religiosas. Por fim, a *coerência*, inspirada no Deus Triúno que se manifesta no mundo ao longo da história de diferentes formas, a partir do Pai, do Filho e do Espírito Santo, sendo três manifestações (tradicionalmente chamadas de “pessoas”) de um só Deus, remete à necessidade de ter um projeto para o bem de toda a sociedade e, inclusive, do meio ambiente. De novo, esta posição está na contramão do que está sendo pregado em muitas igrejas chamadas evangélicas, onde se destaca, por exemplo, apenas o Espírito Santo, ou onde o que conta é um “individualismo de salvação”, sem nenhum projeto para a humanidade, até para o cosmos na sua integridade.

52 Cf. como exemplo concreto de uma igreja protestante SINNER, Rudolf von; MAJEWSKI, Rodrigo Gonçalves. A contribuição da IECLB para a cidadania no Brasil. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 45, n. 1, p. 32-61, 2005.

53 Conforme pesquisas da organização *Latinobarómetro* (www.latinobarometro.org), a confiança interpessoal é, no Brasil, a mais baixa de todos os países pesquisados, onde apenas 3% das pessoas entrevistadas afirmam que, em geral, confiam nas outras pessoas; cf. SINNER, 2004a.

4 - Louvor a Deus – doxologia

Na seção anterior, indicamos que a linguagem teológica é, em grande parte, metafórica, especialmente ao tratar de Deus⁵⁴. Afinal, antes de ser uma abordagem científica e reflexiva, a primeira linguagem a ser usada em relação a Deus (teo-logia, “fala de” ou “sobre Deus”) é de louvor e oração, é doxo-logia (“fala de louvor”). Boff destaca isso em várias instâncias, não por último no seu livro sobre a Trindade, onde estrutura os capítulos VIII a XV segundo a doxologia litúrgica: “Glória ao Pai, ao Filho, e ao Espírito Santo, assim como era no princípio, agora e para sempre, e pelos séculos dos séculos”, usada repetidamente nos cultos católicos romanos e em muitos cultos protestantes, principalmente nas chamadas igrejas históricas. Mas, usando ou não essa fórmula, a teologia em si é doxológica, oferece sua linguagem a Deus, começa pela oração e termina por ela, dando-se conta, humildemente, de sua própria e inerente restrição, falando constantemente sobre algo que não tem como colocar em palavras. Embora haja também autores protestantes que enfatizam este aspecto⁵⁵, é um grande mérito de Boff lembrar a teologia acadêmica disso. É aqui também que se mostra de forma especialmente evidente seu grande carisma: presenciei, no ginásio Gigantinho em Porto Alegre, durante o Fórum Social Mundial de 2003, como Leonardo Boff rezou a Oração pela Paz de São Francisco de Assis com milhares de pessoas, cristãos, afro-brasileiros, ateus, agnósticos, adeptos de outras crenças e filosofias ou de nenhuma – e todas rezando, silenciosas e concentradas.

Assim, ofereço estas reflexões para o debate com o mestre, irmão e amigo Leonardo Boff, de quem aprendi muito para a teologia e para a vida, e com quem o debate sempre tem sido um prazer pessoal e intelectual. O teólogo católico Boff é também protestante, como vimos; o autor destas linhas, protestante, entende-se também como católico (no seu sentido amplo, embora com cautela diante da amplitude do católico na sua compreensão de Boff), e ambos certamente afirmaríamos que somos, em primeiro lugar, *evangélicos* no seu sentido original, tendo no Evangelho o principal norte do nosso caminhar.

54 Cf. MCFAGUE, Sally. **Modelos de Deus**: teologia para uma era ecológica e nuclear [1987]. São Paulo: Paulus, 1996; MCFAGUE, Sally. Imaginar Deus e “um outro mundo”. **Concilium**, fasc. 308, n. 5, p. 42-52, 2004.

55 Cf. MOLTMANN, Jürgen. A Trindade doxológica. In: MOLTMANN, 2000, p. 161ss.; RITSCHL, Dietrich. **Zur Logik der Theologie**. München: Kaiser, 1984. p. 336ss.; WAINWRIGHT, Geoffrey. **Doxology: A Systematic Theology: The Praise of God in Worship, Doctrine and Life**. 2nd. ed. London: Lutterworth, 1982.

Referências

- ALTMANN, Walter. **Lutero e libertação**: releitura de Lutero em perspectiva latino-americana. São Paulo: Ática, 1994.
- ASSMANN, Hugo. Teologia da solidariedade e da cidadania: ou seja: continuando a Teologia da Libertação. In: **Crítica à lógica da exclusão**: ensaios sobre economia e teologia. São Paulo: Paulus, 1994.
- ASSMANN, Jan. **Herrschaft und Heil**: Politische Theologie in Altägypten, Israel und Europa. München, Wien: Hanser, 2000.
- BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha**: uma metáfora da condição humana. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. **O casamento entre o céu e a terra**: contos dos povos indígenas do Brasil. Rio de Janeiro: Salamandra, 2001a.
- _____. **Depois de 500 anos**: que Brasil queremos? Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. **E a Igreja se fez povo**: eclesiogênese: a Igreja que nasce da fé do povo. Petrópolis: Vozes, 1986.
- _____. **Eclesiogênese**: as Comunidades Eclesiais de Base reinventam a Igreja. Petrópolis: Vozes, 1977.
- _____. **Ecologia, mundialização, espiritualidade**: a emergência de um novo paradigma. São Paulo: Ática, 1993.
- _____. **Eine neue Erde in einer neuen Zeit**: Plädoyer für eine planetarische Kultur. Düsseldorf: Patmos, 1994.
- _____. **Erfahrung von Gnade**: Entwurf einer Gnadenlehre. Tradução Horst Goldstein. Düsseldorf: Patmos, 1978. [Título original: **A graça libertadora no mundo**. Petrópolis: Vozes, 1976; na 5ª ed. sob o título **Graça e experiência humana**: a graça libertadora no mundo. Petrópolis: Vozes, 1998.]
- _____. **Ética e eco-espiritualidade**. Campinas: Verus Editora, 2003.
- _____. **O evangelho do Cristo cósmico**: o mito de uma realidade e a realidade de um mito. Petrópolis: Vozes, 1971.
- _____. **Igreja, carisma e poder** [1981]. Ed. rev. Rio de Janeiro: Record, 2005a.
- _____. “A Igreja mente, é corrupta, cruel e sem piedade”. **Caros Amigos**: as grandes entrevistas, p. 34, dez. 2000. Entrevista concedida em 1998.
- _____. **Jesus Cristo Libertador**: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo [1972]. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- _____. **Kirche als Sakrament im Horizont der Welterfahrung**: Versuch einer Legitimation und einer struktur-funktionalistischen Grundlegung der Kirche im Anschluss an das II. Vatikanische Konzil. Paderborn: Bonifatius, 1972.
- _____. **Manifest für die Ökumene**: Ein Streit mit Kardinal Ratzinger. Tradução Horst Goldstein. Düsseldorf: Patmos, 2001b. [Versão em português disponível em: <<http://www.servicioskoionia.org/relat/236p.htm>>. Acesso em: 01 fev. 2006.]

_____. **Mínima Sacramentalia**: os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos: ensaio de teologia narrativa [1975]. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1995a.

_____. **Novas fronteiras da Igreja**: o futuro de um povo a caminho. Campinas: Verus, 2004.

_____. **O rosto materno de Deus**: ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas [1979]. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1995b.

_____. **São Francisco de Assis**: ternura e vigor [1981]. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. **São José**: a personificação do Pai. Campinas: Versus Editora, 2005b.

_____. **A Trindade e a sociedade** [1986]. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. Tudo em Deus, Deus em tudo: a Teosfera, In: BOFF, Leonardo et al. **Ecológia e pobreza**: grito da terra, grito dos pobres. São Paulo: Ática, 1995c.

BONHOEFFER, Dietrich. **Resistência e submissão**: cartas e anotações escritas na prisão. Tradução Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

BRAKEMEIER, Gottfried. **O ser humano em busca de identidade**: contribuições para uma antropologia teológica. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

BRANDT, Hermann. **Gottes Gegenwart in Lateinamerika**: Inkarnation als Leitmotiv der Befreiungstheologie. Hamburg: Steinmann und Steinmann, 1992.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. **As raízes do Brasil** [1936]. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CONGREGAÇÃO para a Doutrina da Fé. **Declaração “Dominus Iesus” sobre a unicidade e a universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja** [2000]. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2001.

CONGREGAÇÃO para a Doutrina da Fé. **Carta sobre alguns aspectos da Igreja entendida como comunhão** – Communis notio. 28 maio 1992. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_28051992_communionis-notio_po.html>. Acesso em: 25 jan. 2005.

CONGREGAÇÃO para a Doutrina da Fé. Notificação sobre o volume “Igreja: carisma e poder” de Leonardo Boff. **Acta Apostolicae Sedis**, v. 77, p. 756-762, 1985.

CONSTITUIÇÃO Dogmática “Lumen Gentium”, 8. In: **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

DALFERTH, Silfredo Bernardo. **Die Zweireichelehre Martin Luthers im Dialog mit der Befreiungstheologie Leonardo Boffs**: ein ökumenischer Beitrag zum Verhältnis von christlichem Glauben und gesellschaftlicher Verantwortung. Frankfurt a. Main: Lang, 1996.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DULLES, Avery. Comunhão. In: LOSSKY, Nicholas et al. (Ed.). **Dicionário do Movimento Ecumênico**. Tradução Jaime Clasen. Petrópolis: Vozes, 2005.

- FAORO, Raymundo. **Os donos do poder**: formação do patronato político brasileiro [1957]. 3. ed. rev. São Paulo: Globo, 2001.
- FEDOROV, Nikolai F. The Restoration of Kinship Among Mankind. In: SCHMANN, Alexander (Ed.). **Ultimate Questions**: An Anthology of Modern Russian Religious Thought. London e Oxford: [s.n.], 1977.
- FEUERBACH, Ludwig. **Das Wesen des Christentums** [1841, 4. ed. 1883]. 2. ed. Stuttgart: Ed. W. Bolin, 1960. p. 79-90, 279-283. [Edição brasileira: FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo**. Campinas: Papirus, 1988.]
- GEBARA, Ivone. **Teologia ecofeminista**: ensaio para repensar o conhecimento e a religião. São Paulo: Olho d'Água, 1997.
- GIBELLINI, Rosino. **A teologia do século XX** [1992]. Tradução João Paixão Netto. São Paulo: Loyola, 1998.
- HOFBAUER, Andreas. **Afro-Brasilien**: Vom “weissen” Konzept zur “schwarzen” Realität: Historische, politische, anthropologische Gesichtspunkte. Wien: Promedia, 1995.
- LIBÂNIO, João Batista. **Concílio Vaticano II**: em busca de uma primeira compreensão. São Paulo: Loyola, 2005.
- MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo. **Christologie und Nachfolge**: Eine systematisch-ökumenische Untersuchung zur Befreiungschristologie bei Leonardo Boff und Jon Sobrino. Ammersbek: Verlag an der Lottbek, 1991.
- MCFAGUE, Sally. Imaginar Deus e “um outro mundo”. **Concilium**, fasc. 308, n. 5, p. 42-52, 2004.
- _____. **Modelos de Deus**: teologia para uma era ecológica e nuclear [1987]. São Paulo: Paulus, 1996.
- MOLTMANN, Jürgen. **Deus na criação**: doutrina ecológica de Deus. Petrópolis: Vozes, 1993.
- _____. **Trindade e Reino de Deus**: uma contribuição para a teologia [1980]. Tradução Ivo Martinazzo. Petrópolis: Vozes, 2000.
- NORDSTOKKE, Kjell. **Council and Context in Leonardo Boff's Ecclesiology**: The Rebirth of the Church among the Poor. Tradução Brian MacNeil. Lewiston: Edwin Mellen Press, 1996.
- OSTHATHIOS, Geevarghese Mar. **Theology of a Classless Society**. Tiruvalla: [s.n.], 1979.
- PETERSON, Erik. Der Monotheismus als politisches Problem: Ein Beitrag zur Geschichte der politischen Theologie im Imperium Romanum [1935]. In: **Theologische Traktate**: Ausgewählte Schriften. Würzburg: Echter, 1994. v. 1, p. 23-81.
- RAD, Gerhard von. **Teologia do Antigo Testamento**: teologia das tradições históricas de Israel. São Paulo: ASTE, 1973-74. 2 v.
- RAHNER, Karl. Der dreifaltige Gott als transzendenter Urgrund der Heilsgeschichte.

In: FEINER, Johannes; LÖHRER, Magnus. **Mysterium Salutis**. Einsiedeln: Benziger, 1967. v. 2, p. 317-40. [Edição brasileira: Petrópolis: Vozes, 1971-85.]

RITSCHL, Dietrich. **Zur Logik der Theologie**. München: Kaiser, 1984.

SANDER, Luis Marcos. **Jesus, o libertador**: a cristologia da libertação de Leonardo Boff. São Leopoldo: Sinodal, 1986.

SCHAPER, Valério Guilherme. **A experiência de Deus como transparência do mundo**: o pensar sacramental em Leonardo Boff entre história e cosmologia. Tese (Doutorado em Teologia). São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 1998.

SCHMITT, Carl. **Politische Theologie** [1922]. 6. ed. Berlin: [s.n.], 1993.

SCHWAMBACH, Claus. **Rechtfertigungsgeschehen und Befreiungsprozess**: die Eschatologie M. Luthers im kritischen Gespräch mit der Eschatologie südamerikanischer römisch-katholischer Befreiungstheologie von L. Boff und J. B. Libânio: Überlegungen zur ökumenischen Verantwortung christlicher Hoffnung. Tese (Doutorado em Teologia). Erlangen-Nürnberg: Friedrich-Alexander-Universität, 2001.

SINNER, Rudolf von. Confiança e convivência: aportes para uma hermenêutica da confiança para a convivência humana. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, ano 44, n. 1, p. 127-143, 2004a.

_____. **Der dreieinige Gott als Gemeinschaft**: Beobachtungen an Leonardo Boffs sozialer Trinitätslehre. 1993. Dissertação (Licenciatura em Teologia). Basiléia: Faculdade de Teologia, 1994.

_____. Diálogo inter-religioso: dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões. **Cadernos Teologia Pública**, ano 2, n. 9, p. 5-22, 2005.

_____. Diálogo inter-religioso: dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões. **Teocomunicação**, ano 34, n. 145, p. 553-573, 2004b.

_____. Hermenêutica ecumênica para um cristianismo plural: reflexões sobre contextualidade e catolicidade. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, ano 44, n. 2, p. 32-42, 2004c.

_____. **Reden vom dreieinigen Gott in Brasilien und Indien**: Grundzüge einer ökumenischen Hermeneutik im Dialog mit Leonardo Boff und Raimon Panikkar. Tübingen: Mohr Siebeck, 2003.

_____. Trinity, Church and Society in Brazil. In: CASARELLA, Peter J.; METZGER, Paul Louis; STORRAR, William F. (Org.). **Trinity, Church and Civil Society**: Ecumenical and Global Perspectives. Grand Rapids: Erdmans, 2006. No prelo.

_____. MAJEWSKI, Rodrigo Gonçalves. A contribuição da IECLB para a cidadania no Brasil. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, ano 45, n. 1, p. 32-61, 2005.

SOUZA, Jessé. **A modernização seletiva**: uma reinterpretação do dilema brasileiro. Brasília: Editora UnB, 2000.

TILLARD, Jean-Marie R. **Church of Churches**: The Ecclesiology of Communion. Colledgeville M.N.: Liturgical Press, 1992.

WAGUA, Aiban. Indianische Theologien? In: FORNET-BETANCOURT, Raúl (Ed.).

Befreiungstheologie: Kritischer Rückblick und Perspektiven für die Zukunft. Mainz: Grünewald, 1997.

WAINWRIGHT, Geoffrey. **Doxology:** A Systematic Theology: The Praise of God in Worship, Doctrine and Life. 2nd. ed. London: Lutterworth, 1982.

WESTHELLE, Vítor. A voz que vem da natureza. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, ano 30, n. 1, p. 21, 1990.

WESTPHAL, Euler Renato. **O Deus cristão:** um estudo sobre a teologia trinitária de Leonardo Boff. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

ZIZIOULAS, John. **Being as Communion:** Studies in Personhood and the Church. New York: [s.n.], 1985.